



Apresentação

Eduardo Morettin¹

O número 51 de *Significação: Revista de Cultura Audiovisual* traz dossiê intitulado “História e Audiovisual”, organizado por Eduardo Morettin e Mônica Kornis, e as seções “Artigos” e “Resenhas”.

Os artigos que compõem o dossiê priorizaram em sua análise documentários e reportagens televisivas a partir de um amplo leque teórico, sinal da diversidade que hoje abarca os estudos acerca das relações entre história, cinema e televisão.

O artigo “O Movimento Feminino pela Anistia em reportagens da Rede Globo Minas”, de Marcella Furtado, abre o dossiê, escolha dos organizadores que indica não somente a qualidade da discussão proposta, como sua atualidade e importância para pensarmos os rumos que o país atravessa atualmente. Como o título aponta, Furtado estuda o Movimento Feminino pela Anistia, abordado em cinco reportagens realizadas pela Rede Globo Minas, em Belo Horizonte, entre os anos 1977 e 1979. O texto seguinte, “Entre clarões e lampejos: imagens e imaginários dos povos no cinema”, de Hannah Serrat de Souza Santos, examina a forma como o documentário realizado no Brasil entre os anos 1970 e 2010 confere às comunidades periféricas protagonismo político. Ana Paula Goulart Ribeiro e Igor Sacramento, em “O repórter e a reportagem na TV: a cobertura do atentado contra o *Charlie Hebdo*”, estabelecem uma comparação entre as coberturas dos dois telejornais sobre o atentado terrorista ao jornal francês *Charlie Hebdo*, em 7 de janeiro de 2015, a fim de marcar diferenças e semelhanças entre as duas representações. Itania Gomes, Juliana Freire Gutmann e Valéria Vilas Bôas verificam em “Testemunha, vivência e as atuações na TV brasileira” as “historicidades que constituem o testemunho jornalístico na televisão brasileira [desde o *Repórter Esso*], considerando o corpo do repórter um dispositivo de

¹ Professor de História do Audiovisual na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Autor de *Humberto Mauro, Cinema, História* (São Paulo, Alameda, 2013). Pesquisador Produtividade em Pesquisa do CNPq.



autenticação dos relatos e de constituição de subjetividades”, dado que nos permite aproximar a discussão aqui proposta com a realizada pelo artigo anterior, também por se ocupar do Jornal Nacional, da Rede Globo, um dos objetos analisados. O penúltimo artigo do dossiê, “O testemunho do inimigo: o confronto na elaboração do passado em Rithy Panh”, de Tomyo Costa Ito, recupera da carreira do diretor o filme *Duch, le maître des forges de l’enfer* (*Duch, o mestre das forjas do inferno*), 2012, pensando o lugar do testemunho, do uso de arquivos na produção de espaços de memória, da *mise-en-scène* e das associações estabelecidas pela montagem. Por fim, Cássio dos Santos Tomaim, em “Documentário, história e memória: entre os lugares e as mídias ‘de memória’”, fecha de maneira exemplar o dossiê, propondo uma reflexão sobre as relações entre história e memória a partir do documentário histórico.

Na seção “Artigos”, as reflexões propostas, seguindo uma tradição já consolidada por esta publicação, debruçam-se sobre o meio televisivo, o cinema, instalações artísticas e novas proposições teóricas para o campo.

José Augusto Dias Jr., em “O caminho para Além da Imaginação: Rod Serling e a TV dos anos 1950”, comenta a “trajetória de Rod Serling como autor de peças de teledramaturgia encenadas ao vivo na década de 1950, reconstituindo o contexto histórico em que tal meio de expressão se desenvolveu”. “Las fronteras de la publicidad televisada en la era de conexión”, de Adriana Pierre Coca e Alexandre Tadeu dos Santos, examina as relações fronteiriças entre a internet e a publicidade televisual a partir do pressuposto de que “a internet transformou a maneira de produzir publicidade ao mesmo tempo se sobrepôs a ela”. Já Beatriz D’Angelo Braz, em “A subjetividade e a etnografia doméstica em *Last words*”, analisa o documentário de 1998, de Johan van der Keuken, preocupado em discutir a representação da subjetividade e da morte, realizando “uma etnografia doméstica em que o documentarista relembra e reflete, por meio da irmã, sua própria trajetória e vivência familiar”. O artigo de Wanderley Anchieta, “Limites da experiência estética: cores e cinema narrativo”, dedica-se, como indicado em seu título, a pensar a cor como dispositivo “estrategicamente alocada com intenção de gerir algum grau de experiência estética nos espectadores”, variando seu efeito em função “de seu grau de atenção e conhecimento”. Icaro Vidal Junior procura “traçar algumas



linhas de força que nos ajudem a compreender o que está em jogo nessa reconfiguração estética e política dos rostos” na produção audiovisual contemporânea, em “Poéticas e políticas do rosto na era das imagens inteligentes”. Em “Configurações da assincronia audiovisual no cinema letrista de 1951/1952”, Fábio Raddi Uchôa estuda o lugar do cinema na chamada vanguarda letrista no período indicado, examinando os debates letristas no contexto e as principais tendências desse cinema: “de uma parte, a centralidade das emissões vocais rodeadas por imagens alheias e, de outra, a agressão à tela e às imagens, retomando os diálogos cinema/teatro e a concepção do cinema como forma de ação”. Por fim, Ricardo Duarte Filho, em “Onde andar a bicha melancólica?”, discute “a presença de uma melancolia *queer*” em *Doce Amianto* (2013), de Guto Parente e Uirá dos Reis, argumentando que “a bicha melancólica [...] possibilita a criação de novas formas de vida para o sujeito *queer*”, suscitando “instigantes escolhas estéticas dentro do campo cinematográfico”.

A seção “Resenhas” traz comentários críticos de Marcos Napolitano sobre o livro *Revolution in the Terra do Sol: the Cold War in Brazil* (2018), de Sarah Sarzynski, e os de Arthur Autran a respeito de *Pantallas transnacionales: el cine argentino y mexicano del período clásico* (2017), livro organizado Ana Laura Lusnich, Alicia Aisemberg e Andrea Cuaerteloro.

Esperamos que este número contribua para o adensamento dos estudos no campo da cultura audiovisual.

Boa leitura!